



CARTA ENCÍCLICA  
*MAGNIFICA HUMANITAS*

DO SANTO PADRE  
LEÃO XIV

Sobre a salvaguarda  
da pessoa humana na  
Era da Inteligência Artificial



## ..... INTRODUÇÃO .....

1. A MAGNÍFICA HUMANIDADE criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erguer uma nova torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a Humanidade habitam juntos. Cada geração recebe em herança a tarefa de dar forma ao seu tempo: de fazer amadurecer a história como um lugar onde a dignidade de cada pessoa seja salvaguardada, a justiça promovida e a fraternidade possibilitada. Sobre cada época, porém, paira o risco de construir um mundo desumano e mais injusto. Ali onde a Humanidade corre o perigo de perder a sua identidade, nós, cristãos, erguemos os olhos para o Deus feito carne, sabendo que «o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente».<sup>1</sup> Em Jesus Cristo, esta magnífica Humanidade torna-se o Caminho, a Verdade e a Vida, abrindo a cada um de nós a via para crescermos até à plenitude.

2. Alicerçados em Cristo, a pedra viva, experimentamos a poderosa e misteriosa ação do Espírito Santo e acreditamos que todo o autêntico esforço humano de cooperar com Ele para o bem será abençoado pelo Pai celeste, no qual depositamos a nossa esperança. Por isso, com determinação, podemos contribuir em todas as iniciativas que constroem um mundo mais justo e convidar outros a colaborar conosco na promoção do desenvolvimento integral de cada ser humano. Desejamos entrar em diálogo com

---

<sup>1</sup> CONC. ECUM. VATICANO (1966). II Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58, 1042.

todos os homens e mulheres do nosso tempo, com os quais partilhamos os acontecimentos, as questões e as aspirações da Humanidade.<sup>2</sup> Com eles, queremos individuar novos caminhos para o bem comum e a promoção de uma vida digna para todos. Essa atitude de diálogo é parte integrante da vocação da Igreja, pois ela, constituída «em Cristo, é como que o sacramento [...] da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»,<sup>3</sup> reconhece a história como o lugar onde o Evangelho interpela e acompanha a experiência humana.

3. Com esse espírito, Leão XIII publicou, em 1891, a Encíclica *Rerum novarum*, cujo 135.º aniversário celebramos este ano com viva gratidão. O meu amado predecessor deu impulso, com este documento, àquela reflexão sobre a sociedade, a economia e a política a que hoje chamamos “Doutrina Social da Igreja”. E quando alguns contestavam que a Igreja não devia desperdiçar energias em questões mundanas, mas preocupar-se em comunicar uma mensagem de vida eterna, ele respondia com realismo e sabedoria que o anúncio do Evangelho não pode esquecer a vida concreta dos povos.<sup>4</sup> Passaram-se muitas décadas desde então, e o Magistério, os pastores, os teólogos e os fiéis continuaram a refletir sobre as questões sociais à luz do Evangelho. Hoje, a Doutrina Social da Igreja é um património de sabedoria, onde encontramos princípios para pensar, critérios para discernir e julgar, orientações concretas para agir. Ela baseia-se na Sagrada Escritura e na Tradição e, em diálogo com as ciências, ajuda-nos

---

<sup>2</sup> Cf. *ibid.* (1966). 11: AAS 58, 1033-1034.

<sup>3</sup> *Idem*, (1965). Const. Dogm. *Lumen gentium*, 1: AAS 57, 5.

<sup>4</sup> Cf. LEÃO XIII (15 de maio de 1891). Carta Enc. *Rerum novarum*, 15: ASS 23 (1890-1891), 653.

a ler os desafios do presente com lucidez, identificando caminhos adequados para viver, com alegria e ao serviço do mundo, um límpido testemunho cristão. Não se trata de um conjunto estático de conceitos, mas de um *corpus* vivo de verdades, que preserva e interpreta a vocação da Humanidade à vida plena e justa. Desejo, portanto, juntar a minha voz a esta tradição viva, invocando a ajuda do Espírito de sabedoria, que habita o mundo desde os seus primórdios (cf. Pr 8,22-31).

#### *As res novae do nosso tempo*

4. Se, na sua época, Leão XIII falava de «novas questões» (*rerum novarum*), hoje não podemos simplesmente repetir os seus preciosos ensinamentos, mas devemos pedir a Deus a sabedoria para interpretar as grandes tendências do nosso tempo, em particular os progressos da técnica. Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais evidente o quão rápida e profundamente a digitalização, a inteligência artificial (IA) e a robótica estão a transformar o nosso mundo. A técnica não deve ser considerada, em si mesma, como uma força antagónica em relação à pessoa: pelo contrário, está enraizada na nossa história desde o início, na medida em que é «um dado profundamente humano, ligado à autonomia e à liberdade do homem».<sup>5</sup> Ao longo dos séculos, o desenvolvimento tecnológico contribuiu para uma melhoria significativa das condições de vida da Humanidade; ao mesmo tempo, cada fase do progresso também revelou o lado ambíguo de instrumentos que, quando não orientados para o bem, são capazes de causar danos. Hoje, no entanto, estamos diante de uma situação nova, em que o poder e a disseminação das tecnologias emergentes se inserem

---

<sup>5</sup> BENTO XVI (29 de junho de 2009). Carta Enc. *Caritas in veritate*, 69: AAS 101 (2009), 702.

no curso da vida quotidiana, moldam os processos de decisão e incidem profundamente no imaginário coletivo: «Nunca a Humanidade teve tanto poder sobre si mesma.»<sup>6</sup> As novas tecnologias abrem um horizonte alargado em direções que, embora imagináveis, não podemos ainda antever plenamente. Isto torna mais complexo avaliar o seu impacto, bem como os efeitos a longo prazo sobre a dignidade das pessoas e o bem comum.

5. Cabe-nos agora enfrentar, com lucidez e responsabilidade, os desafios do nosso tempo. É necessário adotar instrumentos normativos adequados, capazes de salvaguardar a justiça e de conter os efeitos nocivos do poder tecnológico. Mas a questão não se esgota na regulamentação. Como alertou o Papa Francisco, devemos perguntar-nos com realismo quem detém hoje este poder e para que fins o orienta: «Não podemos, porém, ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades que adquirimos [...] dão, àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder económico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do género humano e do mundo inteiro.»<sup>7</sup> Outrora, eram sobretudo os Estados a orientar e a dirigir a inovação. Hoje, pelo contrário, os principais motores do desenvolvimento são sujeitos privados, frequentemente transnacionais, dotados de recursos e capacidades de intervenção superiores aos de muitos governos. O poder tecnológico assume, destarte, uma identidade inédita, predominantemente “privada” e, portanto, ainda mais difícil de discernir, gerir e orientar para o bem comum.

---

<sup>6</sup> FRANCISCO (24 de maio de 2015). Carta Enc. *Laudato si'*, 104: AAS 107 (2015), 888.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

6. Assim, é preciso iniciar um discernimento partilhado, capaz de penetrar nas raízes espirituais e culturais das transformações em curso. Se nos limitarmos às contingências, corremos o risco de deixar que uma série de emergências decida, em nosso lugar, a direção do caminho. Estamos a viver uma rápida fase de transição, uma “mudança de época” em que, enquanto alguns disputam o futuro das novas tecnologias e outros se dedicam à reflexão sobre elas, a maioria das pessoas permanece a aguardar, observa de longe, simplesmente esperando que tudo corra bem. Exatamente por isso, impõem-se à nossa consciência questões decisivas, que não podem já ser evitadas: Para onde vamos? Para que meta desejamos orientar-nos? Que direção escolher enquanto comunidade humana e enquanto povos?

### *Duas imagens bíblicas*

7. Para responder a estas questões e discernir como viver com responsabilidade a era da inteligência artificial, gostaria de evocar duas imagens bíblicas: a da edificação da torre de Babel (cf. Gn 11,1-9) e a da reconstrução das muralhas de Jerusalém (cf. Ne 2-6). No Livro do Génesis, o relato de Babel situa-se nas origens da Humanidade, imediatamente após as genealogias dos filhos de Noé. Os seres humanos, tendo-se estabelecido na planície de Senaar, decidem construir uma cidade e uma torre «cujo cimo atinja os céus» (Gn 11,4). Pretendem, assim, obter estabilidade e poder e, sobretudo, tornarem-se “famosos”, temendo ser dispersos pela terra. A empresa mostra-se imponente: uma única língua, uma única tecnologia, uma única direção. Todavia, o projeto esconde uma profunda insídia: é uma obra pensada sem referência a Deus, sustentada por uma uniformidade que elimina a diversidade e que, em vez da comunhão, opta pela homogeneização. Quando a cidade se edifica sobre o orgulho e a pretensão de

se bastar a si mesma, a comunicação é interrompida, as línguas confundem-se e os seres humanos deixam de se compreender. O resultado não é a unidade, mas a dispersão. Deste modo, Babel revela o limite de qualquer construção, ainda que grandiosa, surgida da absolutização do humano e da sua pretensão de autosuficiência, do sacrifício da dignidade das pessoas em nome da eficiência e da ambição de alcançar o céu sem a bênção de Deus.

8. O Livro de Neemias, por sua vez, começa num momento de grande vulnerabilidade na história do antigo Israel. Após o exílio babilónico, uma parte do povo regressou a Jerusalém, mas a cidade continua devastada, com as muralhas ainda em ruínas e as portas consumidas pelo fogo (cf. Ne 1-2). Neemias, um judeu ao serviço do rei persa Artaxerxes, recebe a notícia do estado desastroso da cidade dos seus pais. Antes de agir, jejua, reza e intercede pelo povo; depois, pede ao rei permissão para regressar a Jerusalém e, ao chegar ao destino, examina em silêncio os lugares destruídos. Não impõe soluções vindas do alto: convoca as famílias, confia a cada uma delas uma parte da muralha para reconstruir, ouve os receios, coordena os esforços, enfrenta as oposições. O relato mostra como a cidade renasce não graças à iniciativa de uma única pessoa, mas através da responsabilidade partilhada por todo o povo: sacerdotes, artesãos, chefes de família, mulheres e jovens. É uma obra que tem Deus no centro e que reconstrói as relações antes mesmo das pedras. Com efeito, a antiga Jerusalém reencontra uma linguagem comum, não a da uniformidade, mas a da comunhão: a harmonia que brota quando cada um assume a própria responsabilidade e todo o povo reconhece que a sua força provém do Senhor.

9. À luz destas duas imagens, o Espírito Santo interpela-nos hoje sobre a nossa relação com a técnica e com a revolução digital em curso. As descobertas científicas são um dom concedido à Humanidade para que esta o faça frutificar (cf. Mt 25,14-30). A tecnologia pode curar, conectar, educar, cuidar da Casa comum; mas também pode dividir, descartar, gerar novas injustiças. Na teoria, em si mesma, ela não é uma solução para os problemas da Humanidade, assim como não é, em si mesma, um mal; todavia, na prática, não é neutra, porque tem o rosto daqueles que a concebem, financiam, regulam e utilizam. Por isso, a primeira escolha não é entre um “sim” ou um “não” à tecnologia, mas entre edificar Babel ou reconstruir Jerusalém: entre um poder que pretende dominar o céu ou um povo que unido, na presença de Deus, começa o trabalho de reerguer os muros da convivência fraterna.

10. Evitemos, portanto, a “síndrome de Babel”: a idolatria do lucro, que sacrifica os mais fracos; a uniformidade, que anula as diferenças; a pretensão de uma linguagem única – mesmo digital – dedicada a traduzir tudo em dados e desempenhos, inclusive o mistério da pessoa. Este é o risco da desumanização: construir o futuro excluindo Deus e reduzindo o outro a um meio; uma tentação tão antiga e tão nova, que hoje assume também uma faceta técnica. Pelo contrário, escolhamos o “caminho de Neemias”, que destaca o valor do trabalho conjunto para garantir a segurança da cidade de Deus aos exilados que regressavam. Reconstruir hoje significa reconhecer, na pluralidade de vozes e visões que por vezes lembra a dispersão das línguas, a existência de uma possibilidade luminosa: a de edificar juntos, transformando a diversidade num recurso e fazendo da escuta e do diálogo o terreno comum no qual crescem a justiça e a fraternidade. No

âmbito desta obra partilhada, os cristãos encontram a sua forma específica de construir: orientar a ação para Deus, de modo que, à sua luz, o pluralismo não se disperse na desordem, mas, pela prática da sinodalidade, se torne o lugar onde a Humanidade reencontra os seus sólidos alicerces e o seu fim último. No Apocalipse, João vê a nova Jerusalém «descer do céu, de junto de Deus» (Ap 21 2) como um dom para toda a Humanidade. Esta visão de graça constitui, para nós cristãos, um apelo a trabalhar juntos, cultivando uma coexistência pacífica, justa e digna nas “cidades” de hoje.

### *Construir no bem*

11. Construir uma cidade orientada para o bem comum exige, em primeiro lugar, edificar sobre a rocha da relação com Deus. Reconhecer que a verdade do seu amor nos chama a uma vida «em abundância» (Jo 10,10) e à comunhão com Ele. Também nós podemos dizer com Santo Agostinho: «Nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.»<sup>8</sup> Na verdade, Deus gravou no nosso coração um desejo de felicidade, que envolve todas as dimensões da vida, e a Igreja, no diálogo com os homens e as mulheres do nosso tempo, sente a urgência de guardar e orientar essa aspiração rumo à sua verdade mais profunda.

12. Em segundo lugar, edificar no bem significa aceitar os limites e a fragilidade da Humanidade, sem os considerar um erro a corrigir. Hoje, o desejo de plenitude do ser humano corre o risco de ser desviado para objetivos enganadores: a ilusão de uma técnica que promete libertar-nos de toda a fragilidade ou de

---

<sup>8</sup> SANTO AGOSTINHO, *Confessiones*, I, 1, 1: *CCSL* 27 (Turnhout 1981), 1.

modelos de bem-estar que “deixam para trás” povos inteiros. Não raro, depositamos a esperança num aperfeiçoamento sem limites, em formas de progresso que podem exacerbar as desigualdades, em soluções imediatas incapazes de curar as feridas dos povos. Então, enquanto alguns perseguem a quimera de uma autoafirmação ilimitada, muitos continuam sem o essencial. A Igreja recorda – com voz humilde, mas firme – que a verdadeira realização não nasce da supressão das fragilidades, mas de um crescimento harmonioso: em que a liberdade e a responsabilidade se entrelaçam com o cuidado recíproco e a verdadeira solidariedade, e em que o progresso se mede pela dignidade de cada um e pelo bem dos povos.

13. Construir um mundo onde todos possam “florescer” exige, em terceiro lugar, uma corresponsabilidade corajosa. Nenhuma mão, sozinha, é suficiente para aguentar o peso dos desafios que assolam o mundo; e nenhuma mão é tão fraca que não possa dar o seu contributo: «A força manifesta-se na fraqueza» (2Cor 12,9). A cada um o seu pedaço da muralha: cientistas e estudiosos, empresários e trabalhadores, educadores e legisladores, sociedade civil, movimentos populares e comunidades de fé. Esta é a lógica da subsidiariedade, que valoriza a cooperação entre gerações, povos, disciplinas e culturas como caminho principal para fazer crescer a estabilidade, a prosperidade e a paz. As tensões e as diferenças não devem intimidar, pois, quando orientadas por uma responsabilidade comum, podem tornar-se forças criativas.

14. Por fim, edificar no bem exige uma linguagem evangélica. Evitemos palavras que humilhem ou criem oposições. Escolhamos a clareza que ilumina e a franqueza que abre caminhos. Não abençoemos entusiasmos ingénuos, não alimentemos

medos estéreis. Em vez disso, indiquemos critérios de discernimento – dignidade da pessoa, destinação universal dos bens, opção pelos pobres, cuidado da Casa comum, paz – e transformemo-los em ações: planeamento responsável, avaliações de impacto humano e social, inclusão dos mais frágeis, alfabetização digital, pesquisa e indústria orientadas para a justiça e a paz.

### *Permanecer humanos*

15. No recente Jubileu Ordinário de 2025, caminhamos como peregrinos da esperança e fomos cumulados de graças. Fortalecidos por estes dons, podemos avançar com ânimo confiante perante as árduas tarefas e os exigentes desafios que se apresentam no nosso futuro. Na era da inteligência artificial, em que a dignidade humana corre o risco de ser ofuscada por novas formas de desumanização, temos o dever urgente de permanecer profundamente humanos, salvaguardando com amor essa magnífica humanidade, que nos foi plenamente dada e manifestada em Cristo, e que jamais alguma máquina poderá substituir no seu esplendor. O verdadeiro progresso nasce sempre de um coração aberto ao outro, de uma inteligência disponível para ouvir, de uma vontade que procura mais o que une do que o que separa.

16. A todos os fiéis católicos, a todos os cristãos, a todos os homens e mulheres de boa vontade, dirijo um sentido apelo: não tenhamos medo de sujar as mãos no canteiro de obras do nosso tempo. Como Neemias, rezemos, planifiquemos com sabedoria, trabalhemos com perseverança, recolocando Deus no horizonte do nosso agir e o ser humano no centro das nossas escolhas. Então, as pedras rejeitadas – os pobres, os doentes, os migrantes, os pequenos – tornar-se-ão a pedra angular, e na terra erguer-se-á uma sólida e acolhedora morada comum, onde o amor e a

verdade finalmente se encontrarão e a justiça e a paz se beijarão (cf. Sl 85,11). Esta é a bênção que imploramos de Deus e a tarefa que nos espera: ser construtores de comunhão, não arquitetos de Babel; servos do Reino que vem, não senhores de torres destinadas a ruir. E, com espírito de pastor e pai, peço a todos que pareis a construção da enésima Babel, congregando forças para edificar no bem, a fim de que a Humanidade nunca perca a própria beleza e o mundo possa reconhecer mais uma vez, no coração do ser humano, o lugar onde Deus deseja habitar.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
As res novae do nosso tempo .....	7
Duas imagens bíblicas .....	9
Construir no bem .....	12
Permanecer humanos .....	14
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>UM PENSAMENTO DINÂMICO</b>	
<b>FIEL AO EVANGELHO</b> .....	17
Uma Igreja que caminha na história da humanidade .....	18
<i>Sabedoria da Palavra e diálogo</i>	
<i>com as ciências humanas</i> .....	21
<i>A Doutrina Social como discernimento comunitário</i> .....	23
A evolução do Magistério social	
desde Leão XIII aos dias de hoje .....	25
<i>Os primeiros passos da Doutrina Social da Igreja</i> .....	26
<i>Os anos do Concílio Vaticano II</i> .....	30
<i>O Magistério recente</i> .....	34
Uma leitura da história à luz da fé .....	39
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS</b>	
<b>DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA</b> .....	41
Fundamentos da Doutrina Social .....	42
<i>O ser humano, imagem do Deus trinitário</i> .....	42
<i>A igual dignidade de todos os seres humanos</i> .....	44
<i>O altíssimo valor dos direitos humanos</i> .....	46
Princípios da Doutrina Social .....	49
<i>O princípio do bem comum</i> .....	49
<i>O princípio da destinação universal dos bens</i> .....	53
<i>O princípio de subsidiariedade</i> .....	55

<i>O princípio de solidariedade</i> . . . . .	57
<i>O princípio da justiça social</i> . . . . .	60
O desenvolvimento humano integral. . . . .	64
Um teste para a Igreja . . . . .	66

### **CAPÍTULO III**

#### **TÉCNICA E DOMÍNIO A GRANDEZA DA PESSOA HUMANA PERANTE AS**

<b>PROMESSAS DA IA</b> . . . . .	69
O paradigma tecnocrático e o poder digital. . . . .	70
A inteligência artificial . . . . .	73
<i>Uma ajuda preciosa que requer atenção</i> . . . . .	75
<i>Responsabilidade, transparência e gestão da IA</i> . . . . .	76
O que não podemos perder . . . . .	82
<i>Narrativas de fundo:</i>	
<i>transumanismo e pós-humanismo</i> . . . . .	83
<i>Os limites, o coração e a grandeza do ser humano</i> . . . . .	85
O verdadeiro “mais que humano”:	
graça e humanismo cristão . . . . .	90
Dois cidades e dois amores. . . . .	91

### **CAPÍTULO IV**

#### **SALVAGUARDAR O HUMANO NA TRANSFORMAÇÃO VERDADE,**

<b>TRABALHO, LIBERDADE</b> . . . . .	95
A verdade como bem comum . . . . .	95
<i>Verdade e democracia</i> . . . . .	95
<i>Comunicação e imaginário coletivo</i> . . . . .	98
<i>Por uma ecologia da comunicação</i> . . . . .	99
<i>Uma aliança educativa para a era digital</i> . . . . .	100
<i>Centralidade da escola</i> . . . . .	102
A dignidade do trabalho na transição digital. . . . .	105
<i>O valor do trabalho</i> . . . . .	105
<i>O problema do desemprego</i> . . . . .	107

<i>Uma economia que valorize a dignidade</i> . . . . .	111
<i>Família e jovens: condições sociais da esperança</i> . . . . .	116
Salvaguardar a liberdade contra	
a dependência e a mercantilização . . . . .	118
<i>Dependências e controlo social</i> . . . . .	118
<i>Quebrar as correntes das novas</i>	
<i>formas de escravatura</i> . . . . .	120
Uma responsabilidade partilhada . . . . .	125
<b>CAPÍTULO V</b>	
<b>A CULTURA DO PODER</b>	
<b>E A CIVILIZAÇÃO DO AMOR</b> . . . . .	127
A civilização do amor na era digital . . . . .	129
A cultura do poder . . . . .	130
<i>A normalização da guerra</i> . . . . .	131
<i>A força sem limites</i> . . . . .	133
<i>Armas e IA</i> . . . . .	135
<i>A crise do multilateralismo</i> . . . . .	137
<i>Um suposto realismo político</i> . . . . .	138
Construir a civilização do amor . . . . .	141
<i>Todos podemos fazer a nossa parte</i> . . . . .	142
<i>Desarmar as palavras</i> . . . . .	143
<i>Construir a paz na justiça</i> . . . . .	144
<i>Assumir o olhar das vítimas</i> . . . . .	145
<i>Cultivar um saudável realismo</i> . . . . .	146
<i>Revitalizar o diálogo</i> . . . . .	147
<i>A necessidade da diplomacia e do multilateralismo</i> . . . . .	149
<i>Rezar e ter esperança</i> . . . . .	151
<b>CONCLUSÃO</b> . . . . .	153
O Verbo fez-Se carne . . . . .	153
Um único corpo em Cristo . . . . .	156
O canteiro de obras do nosso tempo . . . . .	158
O cântico da esperança: Magnificat . . . . .	162